Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

A EXPERIÊNCIA DO DÈJÁ VU ENTRE A DOENÇA MENTAL E A METAPSICOLOGIA DE FREUD

THE EXPERIENCE OF THE DÈJÁ VU BETWEEN MENTAL ILLNESS AND FREUD'S METAPSYCHOLOGY

Ítallo Wigand Auatt
Germano Quintanilha Costa

RESUMO - Esta pesquisa tem por objeto de estudo o enigmático fenômeno chamado de dèjá vu, buscando apresentar esse tema dentro de uma linguagem científica e psicológica, a motivação de nosso estudo é compreendê-lo a partir da teoria psicanalítica, especificamente, a partir das investigações de Sigmund Freud. Sendo uma pesquisa bibliográfica, abordaremos num primeiro momento o modo como o déjà vu é descrito enquanto fenômeno no cenário científico. Apresentaremos também alguns dados que relacionam o déjà vu com uma dimensão da neurologia e da psicopatologia. Por fim, iremos abordar o déjà vu pelo viés da teoria psicanalítica e para que tal tarefa possa ser possível vamos abordar alguns dos principais conceitos psicanalíticos necessários à compreensão do nosso objeto de estudo.

Palavras-chave: Psicanálise. Inconsciente. Recalque

ABSTRACT - The purpose of this research is the study of the enigmatic phenomenon called déjà vu, craving to present this topic in a scientific language and psychological, our study's motivation is to understand it from the psychoanalytic theory, specifically, from the investigations of Sigmund Freud. Being a literature search, we will discuss at first how the déjà vu is described as a phenomenon in the scientific field. We will also present some data that relate déjà vu with a dimension of neurology and psychopathology. Finally, we discuss the déjà vu by the bias of psychoanalytic theory and, that such might be possible, we will explore some key psychoanalytic concepts necessary to understand the object of our study.

Keywords: psychoanalysis, unconscious, repression

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

INTRODUÇÃO

Uma série de pesquisas recentes sugere que grande parte das pessoas, pelo menos em algum momento da sua vida, já experimentaram o fenômeno do dèjá vu. Nestas experiências o sujeito é tomado de repente de uma forte sensação de que ele já esteve em um determinado lugar ou de que ele já viu uma cena específica anteriormente. No entanto, essa sensação é impossível de ser verídica, porque de fato o sujeito nunca esteve antes naquele lugar ou nunca viu aquela determinada cena. Reduzindo este fenômeno a seu estado mais simples, pode-se dizer que o dèjá vu representa o choque entre duas avaliações mentais simultâneas e opostas: uma avaliação objetiva de não familiaridade justaposta com um julgamento subjetivo de familiaridade (D'AGORD e TRISKA, 2012).

Uma vez que o objetivo principal desta pesquisa é compreender o tema do déjà vu, sob a luz da teoria psicanalítica de Freud, nosso estudo será realizado através de uma metodologia bibliográfica. Dentro da amplitude da teoria psicanalítica, adotaremos a postura de nos concentrarmos nos conceitos e formulações propostas por Freud, o que será viabilizado e enriquecido pela exploração de obras de importantes psicanalistas e pesquisadores que se aprofundam e comentam a obra freudiana.

Sem perder de vista a complexidade do tema escolhido, metodologicamente conduziremos nossa questão de pesquisa pelo viés da teoria psicanalítica. No entanto, justamente para poder defender nossa hipótese de cunho psicanalítico, e também para combatermos o reducionismo dentro do cenário da ciência psicológica, consideramos de fundamental importância compreender o que outras abordagens científicas afirmam em suas pesquisas. Assim tentaremos apresentar e justificar a necessidade de sustentarmos também dentro do campo de discussões científicas, uma explicação psicodinâmica para um fenômeno que necessariamente precisa ser entendido como um fenômeno complexo e que, portanto, não se esgota no discurso da ciência empírica e experimental.

Nesse propósito, nosso estudo realizará o trajeto. inicialmente, de apresentar o modo como o déjà vu é descrito enquanto fenômeno no cenário científico. Apresentaremos também alguns dados que relacionam o fenômeno com a neurologia e da psicopatologia. Por fim, iremos aborda-lo pelo viés da teoria psicanalítica, especificamente a teoria freudiana, e para que tal tarefa possa ser possível vamos abordar alguns dos principais conceitos psicanalíticos necessários à compreensão do nosso objeto de estudo.

O interesse pelo dèjá vu não é um fato recente, ele desperta curiosidade da inteligência humana já há bastante tempo, tanto que é possível encontrar referencias no

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

campo da filosofia e da medicina que datam do início do século XIX. A escola francesa, por exemplo, já estava nessa época engajada fortemente na tentativa de compreender se o dèjá vu era um reflexo de uma patologia mental ou uma disfunção da memória temporal presente em pessoas normais (BROWN, 2004).

O que poderia motivar então o interesse por uma pesquisa que se dedique a este tema? Em primeiro lugar, é um fenômeno extremamente difundido em nossa vida cotidiana e cultural. Trata-se de um tema profundamente experimentado pelo público geral e frequentemente citado na literatura popular. Trata-se de uma das experiências mais bem conhecidas sobre as anomalias da memória. Considerando que poucos fenômenos de memória são conhecidos pelo público leigo, é um fato notável que dentre as mais conhecidas está o déjà vu. Portanto, faz parte do pensamento popular, porém, ainda assim ele porta uma dimensão intrigante de mistério e estranhamento. Em segundo lugar, ele é um fenômeno extremamente complexo do ponto de vista científico e apesar das inúmeras pesquisas já realizadas, assim como no senso comum, ele ainda engendra um mistério. No campo da psicologia, esse fenômeno aparece tanto em situações corriqueiras e banais da vida de uma pessoa psiquicamente considerada como "saudável", quanto em situações clinicamente mais graves como em quadros relacionados a patologias neurológicas e psiquiátricas. (SNO et al., 1992)

Desta forma, o dèjá vu constitui um grande desafio para toda ciência, no sentido que ele oferece uma grande dificuldade de poder ser abarcado numa única e consistente explicação, por esta razão é que o Déjà Vu pode ser explicado cientificamente de maneiras muito diferentes. Dependendo da abordagem teórica que se utiliza para explica-lo, poderemos ter explicações que vão desde a psicanálise, neuropsicológica, neurofisiologia, psicopatologia até mesmo a filosofia.

O DÉJÀ VU NO CONTEXTO GERAL DA PSICOLOGIA.

As teorias científicas levaram quase um século para estabelecer um termo comum com relação às experiências de déjà vu, uma dificuldade mais do que compreensível dada à natureza estranha desse fenômeno. Uma das primeiras razões para o uso contínuo do termo em francês introduzido no final do século XIX é que não existe uma descrição adequada em outras línguas para esta experiência (BROWN, 2004). Uma série de termos tem sido apresentados, porém, eles geralmente são alternativas complicadas quem tendem a trazer mais confusão do que o esclarecimento. Um problema com o uso precoce dos termos "falsa memória", "falso reconhecimento",

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

"reminiscência" e "paramnésia", é que isso acaba por sugerir que o fenômeno se trata de uma disfunção da memória, desse modo, outras possibilidades etiológicas são descartadas, tais como a dimensão neurológica, perceptual, de atenção ou emocional.

Apesar das inúmeras definições para o déjà vu, o termo "paramnésia" quase se tornou a definição padrão, mas o uso inconsistente deste termo pelos pesquisadores acabou levando a sua própria extinção: alguns a consideraram como sinônimo de déjà vu, enquanto outros conceituaram-na como um subtítulo de "paramnésia".

Ao longo do século XIX e XX, uma ampla gama de definições se concentraram em aspectos concernentes aos sentimentos, ao invés das cognições, enquanto outros enfatizaram as qualidades súbitas e estranhas. Segundo Brown, uma definição proposta por Neppe em 1983 tornou-se o padrão mais aceito, a saber, toda e qualquer impressão subjetivamente inadequada de familiaridade de uma experiência presente com um passado indefinido. O significado do termo déjà vu mudou recentemente para se que se pudesse incluir uma repetição mais genérica de uma experiência episódica, e não o estado de confusão em que uma recordação episódica está perdida ou faltando.

INCIDÊNCIA GERAL DO DÉJÀ VU

Segundo Brown (2004), as avaliações subjetivas tem enquadrado consistentemente o déjà vu como uma experiência universal e muito comum. Por outro lado, avaliações objetivas sugerem que a incidência do déjà vu não é universal. As estimativas variam amplamente entre os estudos, mas parece que cerca de dois terços dos entrevistados tiveram uma experiência do déjà vu em algum momento de suas vidas. Os fatores que provavelmente influenciam essa variabilidade na estimativa são a composição etária da amostra (amostras mais jovens gera maior incidência), o ano da pesquisa (amostras mais recentes geram maior incidência), e do tipo de questões que são feitas aos entrevistados.

Pesquisas recentes realizadas no contexto da psicologia cognitiva, experimental e da psicopatologia tentaram estabelecer uma ligação entre o déjà vu e fenômenos psicopatológicos graves. No entanto, não parece haver qualquer associação especifica entre o déjà vu e a esquizofrenia ou outras condições neuróticas. Outras perturbações cognitivas que são relacionadas ao déjà vu são únicas e específicas aos casos de esquizofrenia e de danos cerebrais, tal como a "paramnésia reduplicada". Existe também uma indicação de uma relação entre o déjà vu e os processos de despersonalização, mas essa relação não é forte o suficiente para relacionar diretamente

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

o déjà vu às experiências dissociativas. Para que o déjà vu possa ser relacionado diretamente a uma variedade de condições psicopatológicas seria necessário uma exploração cientifica muito mais sistemática (Brown, 2004).

Explicações neurológicas do déjà vu afirmam que existe uma alteração momentânea no processo normal de transmissão neural. Isso pode assumir uma forma de uma pequena convulsão, considerando a suposição de que existe uma relação entre o déjà vu e as convulsões epilépticas. É possível também que um ligeiro atraso ou aceleração na velocidade da transmissão neural possa provocar uma falsa impressão de familiaridade. Este atraso, ou aceleração, pode ser em uma única via, violando assim as expectativas temporais normais para transmissão da mensagem (ibid.).

A TEORIA PSICANALÍTICA

Para que possamos explorar o tema do déjà vu dentro de um enfoque da teoria psicanalítica será necessário adotarmos uma estratégia metodológica específica. Como o déjà vu é um fenômeno que Freud considera como pertencente ao campo dos fenômenos lacunares da consciência (fenômenos que acontecem quando o pensamento consciente apresenta lacunas e falhas), ele acabou por aplicar ao déjà vu a mesma base conceitual e etiológica dos sintomas histéricos, dos sonhos, das parapraxias e dos chistes.

Considerando, portanto, à complexidade dos conceitos freudianos consideramos mais adequado apresentarmos uma visão introdutória e resumida da teoria freudiana – mais especificamente sobre o conceito de inconsciente e sua relação com o mecanismo do recalque –, para que daí então possamos demonstrar o fenômeno do déjà vu sob o viés de uma teoria do inconsciente.

Uma das maneiras de começa a falar em inconsciente freudiano pode ser a de se apontar o que ele não é, ou seja, a de se destacar a sua diferença com relação a concepção de subjetividade que era reinante até o surgimento do pensamento de Freud. Estas concepções anteriores a Freud estão baseadas numa visa de subjetividade na qual a consciência está identificada e dominada pelo pensamento racional consciente. Trata-se de uma subjetividade de caráter monolítico que admite, em algumas ocasiões "franjas inconscientes, e em alguns casos, manifestações psíquicas que permanecem abaixo do umbral da consciência" (GARCIA-ROZA, 1998). Sendo assim, o termo "inconsciente" era empregado de forma adjetiva para se referir aos conteúdos mentais que não eram

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

conscientes, mas jamais para designar um sistema psíquico autônomo e distinto dos demais.

Um outro aspecto importante, que é ressaltado por Garcia-Roza (1998), é o da identificação do inconsciente com a dimensão daquilo que é caótico, misterioso, inefável, ilógico, e esta identificação ocorreu tanto antes do trabalho de Freud como também no interior da própria construção do saber psicanalítico. Por isso, é importante escutarmos o aviso que Lacan nos dá: "o inconsciente de Freud não é de modo algum o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite" (LACAN, 1979 apud GARCIA-ROZA, 1998).

Sustentado por uma forte aposta no determinismo psíquico, Freud declara enfaticamente ao longo de sua obra que não existe nada de arbitrário nos acontecimentos psíquicos, pois todos eles são determinados. A diferença está no fato de que não existe uma determinação única em nossa vida psíquica. Sendo assim, a sintaxe do Inconsciente não é a mesma do sistema pré-consciente, porem isso não significa eu ele não possua uma sintaxe própria. Tal tese freudiana é defendida por Lacan quando ele nos afirma que o Inconsciente possui uma ordem, uma sintaxe, porque ele é estruturado como uma linguagem.

Em seu texto *O Inconsciente (1915),* Freud assinala que é nas lacunas das manifestações conscientes que devemos procurar o caminho para o inconsciente, e é por esta razão que Lacan define essas manifestações como constituindo as "formações do inconsciente", a saber, o sonho, o lapso, o ato falho, o chiste e os sintomas. Lacan afirma que o que nos chama a atenção nesses fenômenos lacunares não é apenas a descontinuidade que eles produzem no discurso consciente, mas sobre tudo um sentimento de ultrapassagem que os acompanha (LACAN, 1979 apud GARCIA-ROZA 1998).

É essa perplexidade e essa ultrapassagem que funcionaram como indicadores para o sujeito, de um outro sujeito oculto que trabalha em oposição a ele próprio, por isso encontramos em Freud a seguinte afirmação "todos os atos e manifestações que noto em mim mesmo e que não sei ligar ao resto de minha vida mental devem ser julgados como se pertencessem a outrem" (ibid.).

Os fenômenos lacunares são, portanto, indicadores de uma outra ordem, irredutível a sintaxe e a lógica da consciência e que se insinua nas lacunas e nos tropeços desta última. Garcia-Roza (1998) nos adverte, então, que o inconsciente não é o mais profundo, nem o mais instintivo, nem o mais tumultuado, nem o menos lógico, mas, antes de tudo, uma outra estrutura, diferente da consciência, mas igualmente inteligível.

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

A questão fundamental para compreendermos com maior profundidade a teoria do inconsciente é aquela surge diante da evidência da existência de uma outra cena. Diante dessa outra sintaxe, que é prova de um discurso de um sujeito do inconsciente, é questão é compreendermos o porquê desses conteúdos mentais surgirem a partir dessa outra produção discursiva inconsciente e não através do pensamento que seria mais óbvio, isto é, o pensamento inconsciente. Dizendo de outra maneira: o que acontece em nosso psiquismo para certos conteúdos mentais deixem de serem apresentados a nós através de nosso pensamento consciente? Por qual razão esses conteúdos teriam que ser expressados numa sintaxe tão diferente e desconcertante? É aqui que entraremos num conceito extremante importante que é o conceito de recalcamento.

Segundo o dicionário de psicanálise de Roudinesco & Plon (1998), na linguagem comum, a palavra recalque designa o ato de fazer recuar ou de rechaçar alguém ou alguma coisa. Assim, ela é empregada a pessoas a quem se quer recusar acesso a um país ou a um recinto especifico. Contudo, para os autores, na teoria psicanalítica de Freud, "o recalque designa um processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas as pulsões, e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico, transformando-se em fonte de desprazer." (ROUDINESCO & PLON,1998, p.647). Freud modificou por diversas vezes a definição e o campos de ação desse conceito, mas ainda assim considera que ele é constitutivo do núcleo original do inconsciente.

Sobre a teoria do recalque, é necessário considerarmos que trata-se de uma teoria complexa, e que devido a amplitude dos objetivos de nossa pesquisa, não poderemos abranger com profundidade toda a dimensão deste conceito. Contudo, nos esforçaremos para abarcar de um modo sucinto aquilo que é essencial para a compreensão deste mecanismo. Freud divide o processo do recalque em três momentos: o recalcamento originário, o recalcamento secundário e o retorno do recalcado. Como já foi dito, por razoes metodológicas, nos concentraremos no segundo e terceiro momento do processo de recalcamento, ao tempo que abordaremos de forma breve o primeiro momento.

O recalcamento originário é o responsável pela clivagem do psiquismo em instancias diferenciadas. Segundo Roudinesco & Plon (1998), o recalcamento originário foi explicado por Freud em termos de uma fixação, resultante de uma recusa inicial do inconsciente a se encarregar do representante de uma pulsão. Nas palavras dos autores: "O representante assim recalcado acaba por permanecer presente de maneira inalterada e principalmente ligado à pulsão." (ibid., p.649).

O recalcamento secundário é um processo que pressupõe uma clivagem. Ele é o efeito do conflito do sistema inconsciente e o sistema pré-consciente/consciente, sendo

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

que a partir deste último que ele é exercido. A função do recalcamento é a de impedir que certas representações pertencentes ao sistema inconsciente tenham acesso ao sistema pré-consciente/consciente. Portanto, é preciso ressaltar o que Garcia-Roza afirma:

> Aquilo sobre qual o recalcamento incide é o representante psíquico da pulsão e não a pulsão ela mesma(...) No entanto, a pulsão tem dois representantes psíquicos: o representante ideativo (Vorstellungrepar-sentanz) e o afeto (affekt). O recalcamento incide apenas sobre o representante ideativo e não sobre o afeto (GARCIA-ROZA, 1998, p.163)

Uma vez recalcado, o representante ideativo continua a ter existência independente, produzindo derivados e estabelecendo novas conexões. Freud afirma que esse conteúdo mental prolifera no escuro e "assume formas extremas de expressão, que uma vez traduzidas e apresentadas a um neuróticos irão não só lhe parecer estranhas, mas também assusta-lo" (FREUD, 1915 apud GARCIA-ROZA, 1998). Conforme foi dito anteriormente, devido a delimitação metodológica de nossa pesquisa, não abordaremos os destinos que Freud demonstrou com relação ao representantes ideativos da pulsão e os afetos. No entanto, queremos deixar registrado que esses destinos são diferentes e que possuem importância crucial para a compreensão dos mais variados processos de nosso psiquismo. Abordaremos, então, o terceiro momento do recalque que é o retorno do recalcado.

No *livro Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan vol.2: a clínica da fantasia*, Jorge (2010) se propões a fazer uma diferenciação teórica entre o esquecimento e o recalque. Neste primeiro, não consiste na passagem de uma instancia psíquica para outra, sendo pré-consciente/consciente. Já o segundo, o recalque, implica a passagem do consciente/inconsciente. O recalcamento seria um duplo esquecimento, onde o sujeito não só esquece, como esquece que esqueceu (JORGE, 2010).

Para a compreensão do retorno do recalcado, é preciso considerar que se trata de um processo que tem seu suporte na hipótese freudiana da indestrutibilidade dos conteúdos inconscientes. Isto quer dizer que os representantes recalcados não somente mantêm sua indestrutibilidade como também lutam permanentemente pelo acesso ao sistema pré-consciente/consciente, obrigando este último a um dispêndio constante de energia para fazer face à ameaça que tais conteúdos representam (GARCIA-ROZA, 1998).

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

O INCONSCIENTE FREUDIANO E O ESTRANHO

No texto *O estranho de 1919*, Freud fala do autor Jentsch, que acreditava que a origem da sensação de estranheza era causada por uma incerteza intelectual, ou seja, algo na qual o sujeito não tem conhecimento. Logo, o que nos aparece como estranho, seria aquilo que não nos é familiar, o desconhecido.

Porém, Freud em algumas de suas análises, exemplifica a variação do significado da palavra no idioma germânico: heimlich (doméstico, familiar) e o seu oposto unheimlich (estranho). Em alguns casos, essas palavras podem ter um significado idêntico, onde numa colocação, a palavra aparentemente segue um desenvolvimento seguindo uma ambivalência, até que por fim, confunde-se com a que representa o seu oposto. Freud afirma que esse conteúdo estranho não é nada novo ou alheio, porém é familiar e há muito estabelecido na mente e que somente se alienou desta através do processo de recalcamento.

Esse conteúdo, a que chamamos de estranho, que nos parece ser algo de uma incerteza entre algo familiar e algo desconhecido, na verdade é algo que originalmente pertenceu à consciência. Este contraste feito pela ruptura, algumas vezes percebido como algo que nos parece suspeito, é a que damos muitas vezes o nome de estranho.

O DÉJÀ VU NA OBRA DE FREUD

Feito esta breve incursão por alguns dos principais fundamentos da teoria psicanalítica, desejamos neste momento introduzir a nossa verdadeira questão de pesquisa. Percorremos este caminho justamente para que pudéssemos sustentar a partir de agora, a nossa hipótese de que o fenômeno do dèjá-vu, dentro de uma perspectiva freudiana, encontra-se na posição similar àquelas que Lacan chamou de formações do inconsciente. Dito na linguagem freudiana, essas "formações do inconsciente" constituem os representantes ideativos da pulsão, representantes estes que por algum momento sucumbiram ao mecanismo do recalque, e que pelo fato de que nenhum recalque pode ser completamente bem-sucedido, acabam por buscar um retorno ao sistema pré-consciente/consciente.

De agora em diante, portanto, iremos nos concentrar nas passagens da obra de Freud em que ele se referiu aos fenômenos de dèjá-vu, sendo necessário já informarmos

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

que estas passagens são em quantidade muito inferior quando comparados às outras formações do inconsciente.

A primeira vez que o tema do dèjá vu aparece na obra de Freud foi em *A Interpretação dos Sonhos (1900-1901)*, obra que foi considerada como uma das obras mais importantes da psicanálise, onde o autor propõe um método cientifico de interpretar o sonho através do simbolismo expressado nele através de imagens. Partindo do conteúdo manifesto, o sonho é analisado a fim de chegar ao conteúdo latente que fora deformado pela censura.

No capítulo XII, da referida obra, depois de ter avaliado a importância do simbolismo nos sonhos, Freud propõe que existem razoes para dividirmos os sonhos em duas classes: os que realmente tem sempre o mesmo sentido, os sonhos típicos, e os que, apesar de terem conteúdo idêntico, devem ser interpretados de maneira variada. Neste ponto, Freud introduz a temática do Complexo de Édipo, apresentando a hipótese de que na estrutura desses sonhos típicos existe um conteúdo edipiano que se encontra disfarçado.

Os sonhos típicos se referem a conteúdos diversos que aparecem com certa frequência, tais como: subir escadas, apunhalar, atirar, facas, cigarros, entre outros. Para ele, essas situações frequentemente estão relacionadas a conteúdos envolvidos no Complexo de Édipo do sonhador. Dando prosseguimento, ele afirma que em alguns sonhos com paisagens, ou outras localidades, dá-se ênfase, no próprio sonho, a um sentimento convicto de que já se esteve lá antes. É aqui, portanto, que Freud vai introduzir o tema do "déjà vu", afirmando que essa sensação quando aparece nos sonhos sempre aponta para um significado especial, pois:

Esses lugares são, invariavelmente, os órgãos genitais da mãe de quem sonha; não existe, de fato, nenhum outro lugar sobre o qual se possa asseverar com tal convicção que já se esteve lá antes (FREUD, 1900-1909, p. 432).

Para Freud, portanto, o existe uma boa indicativa de que são muito frequentes os sonhos nos quais existe a relação sexual com a própria mãe, porém, estes sonhos são sempre disfarçados. Este tipo de sonho é mais frequente do que os sonhos que remetem de forma direta à relação sexual (ibid.).

Com relação a estas primeiras passagens, o importante para nosso estudo é compreendermos que o dèjá vu é introduzido por Freud, em *A Interpretação dos Sonhos*, na tentativa de explicar que o sentimento de familiaridade, acompanhado de estranheza, é uma forma, através da qual, certos conteúdos do inconsciente conseguem ter acesso à consciência. O sujeito tendo a sensação de já ter visto uma determinada cena, ou de já ter estado em certo lugar, mesmo que não possa conscientemente

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

assegurar a veracidade total desta impressão, é na verdade, um encontro com um conteúdo, de fato, já familiar ao sujeito, mas que por razões do recalque, são mascaradas e distorcidas, dando assim a sensação de estranhamento.

Um segundo momento em que o dèjá vu aparece na obra freudiana é no artigo *Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901),* como parte da discussão sobre a superstição que pode estar associada ao sentimento peculiar no qual o sujeito tem a sensação de já ter vivido aquela experiência. Aqui, Freud se refere as tentativas de certos psicólogos em explicar o referido fenômeno, porem demonstra estar insatisfeito com suas conclusões, porque nenhuma delas leva em consideração "os processos psíquicos que, de acordo com minhas observações, são os únicos responsáveis pela explicação do dèjá vu – a saber, as fantasias inconscientes – ainda são geralmente negligenciados pelos psicólogos" (FREUD, 1901, p.260).

Freud prossegue afirmando que no seu entender é equivocado chamar de ilusão o sentimento de já se ter vivenciado alguma coisa antes, pois nesses momentos realmente o sujeito está em contato com algo que já se vivenciou, só que isso não pode ser lembrado conscientemente porque nunca chegou a se tornar consciente. Nas suas palavras: "a sensação do 'Dèjá Vu' corresponde à recordação de uma fantasia inconsciente. Existem fantasias (ou devaneios) inconscientes, assim como existem criações conscientes do mesmo tipo, que todos conhecem por experiência própria" (ibid., p.261).

É importante sublinharmos que ao discutir sobre o dèjá vu, em termos de uma psicopatologia da vida cotidiana, Freud acaba por remove-lo do contexto da psicose e o relaciona aos fenômenos comuns na vida psíquica "normal". Adentrando no campo da clínica, ele nos oferece uma interpretação de um caso de dèjá vu experimentado por uma de suas pacientes. A paciente que contava na ocasião do tratamento com 37 anos afirmou ter a mais nítida lembrança de, aos 12 anos, ter visitado pela primeira vez alguns colegas de escola no campo e, ao entrar no jardim, ter experimentado a sensação imediata de já ter estado ali antes, sensação esta que se repetiu também nos aposentos da casa. Apesar da paciente acreditar que essa experiência era uma indicação profética da importância dessas amigas na sua vida futura, Freud propõe uma outra explicação:

Na época em que fez essa visita, ela sabia que as meninas tinham um único irmão, que estava gravemente enfermo. Durante a visita, de fato chegou a vê-lo, achou-o com uma aparência muito ruim e disse a si mesma que ele logo morreria. Ora, o próprio irmão dela estivera perigosamente enfermo, com difteria, alguns meses antes; durante sua doença, ela fora afastada da casa dos pais por várias semanas, indo morar com um parente. Ela acreditava que o irmão a havia acompanhado nessa visita ao

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

campo; achava inclusive que essa fora a primeira viagem mais longa dele depois da doença; mas sua memória era estranhamente imprecisa nesses pontos, ao passo que de todos os outros detalhes, em especial do vestido que estava usando naquele dia, ela guardava uma imagem ultraclara. Para o conhecedor, não haverá dificuldade em concluir desses indícios que, naquela época, a expectativa de que o irmão morresse desempenhara um papel importante nos pensamentos da menina e nunca se tornara consciente, ou então, após o desfecho favorável da doença, sucumbira a um enérgico recalcamento. Se as coisas tivessem terminado de outra maneira, ela teria precisado usar um vestido diferente, ou seja, um traje de luto. Ela encontrou uma situação análoga na casa das amigas, cujo único irmão corria perigo de morte iminente, o que na verdade sucedeu pouco depois. Ela deveria ter-se lembrado conscientemente de que ela própria atravessara essa situação poucos meses antes: em vez de se lembrar – o que foi impedido pelo recalque -, transferiu sua sensação de recordar algo para o ambiente que a cercava, o jardim e a casa, e caiu presa da "fausse reconnaissance" de já ter visto tudo aquilo antes, tal como se mostrava (ibid., p.261).

Pelo fato de ter ocorrido o recalcamento podemos concluir que a expectativa anterior da morte do irmão da paciente não estivera muito afastada do caráter de uma fantasia desejante. Nesse caso, ela teria ficado como filha única. Em sua neurose posterior, ela sofria com a mais extrema intensidade a angústia de perder os pais, por trás da qual, como de costume, a análise pôde revelar um desejo inconsciente com o mesmo conteúdo.

Freud retornará ao tema do dèjá vu no artigo *Fausse Reconnaissance (déjà raconté) no Tratamento Psicanalítico (1914)*. Neste artigo Freud fala do fenômeno chamado de Fausse Reconnaissance (falso reconhecimento), que acontece quando o sujeito, após contar alguma coisa, afirma com a mais absoluta certeza de que já havia dito isto antes, mas com o detalhe de não ter condições de comprovar esta convicção. Freud sugere a explicação de que o motivo deste fenômeno consiste no fato de que o paciente teve realmente a intenção de dar determinada informação a seu analista, e que até tenha dado indícios do assunto na análise, porém, aconteceu um bloqueio devido a sua resistência impedindo que esta informação fosse revelada. Então, "confundiu a lembrança da sua intenção com a lembrança de sua atuação" (FREUD, 1914, p.241). Este conteúdo no qual o paciente insiste em dizer que já foi dito parece conter uma importância peculiar em seu tratamento, portanto insiste com a ideia que aquilo seja familiar ao analista como é para si mesmo.

Neste artigo, Freud demonstra a existência de uma classe de fenômenos comparáveis ao déjà vu, tais como o 'déjà raconté' (já contei), 'déjà entendu' (já

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

escutei), o ‘déjà éprouvé’ (já experimentei) e o ‘déjà senti’(já senti), que demonstram na maioria das vezes um evento de paramnésia, onde o sujeito julga se lembrar de algo que não aconteceu.

Por motivos metodológicos não nos aprofundaremos nestes outros fenômenos semelhantes ao déjà vu, porém, queremos deixar registrado que reconhecemos a importância do estudo dessas manifestações, o que desejamos poder fazer numa pesquisa futura.

CONCLUSÃO

Vimos que o fenômeno acontece como uma formação do inconsciente, tal como os sonhos e o ato falho, isso implica dizer que não se trata de um sintoma ou resultante de adoecimento psíquico. O déjà vu não aparece com grande frequência e profundidade, apesar de ser um assunto bastante corriqueiro, intriga tanto a leigos como cientistas.

Focando na discussão que realizamos em cima das obras psicanalíticas consultadas, podemos concluir que dentro da teoria freudiana o déjà vú ocupa um espaço ao lado dos fenômenos que Freud considerou como indicadores para o acesso ao caminho do inconsciente. Isto quer dizer, que do mesmo modo que Freud compreendeu a causalidade inconsciente dos sonhos, dos atos falhos, dos sintomas e dos chistes, ele também compreendeu o déjà vu. Através da teoria do trauma, do complexo de Édipo e do recalcamento, Freud analisou uma série de manifestações psíquicas ocorridas dentro no sistema consciente, manifestações essas que significavam um tropeço da sintaxe da consciência, justamente para poder embasar e provar a existência de um sistema inconsciente.

Desse modo, o déjà vu para Freud está profundamente relacionado aos processos do nosso psiquismo, estando absolutamente comprometido com nossos desejos inconscientes e com os mecanismos presentes da estrutura do funcionamento da neurose. Nossa pesquisa chega à conclusão que a estranheza que o déjà vu causa ao sujeito é justamente porque ele é composto de um conteúdo mental que já é familiar ao sujeito. Porém, esse conteúdo familiar não parece ser reconhecido pelo sujeito, pois ele foi deformado pelos mecanismos da censura. Assim, o déjà vu não pode ser compreendido de forma literal, somente através de um acesso ao conteúdo latente é que poderíamos de fato compreender o verdadeiro conteúdo presente na experiência do sujeito. Nesse aspecto, a teoria freudiana representa uma luz dentro desse cenário, porque ela extrai o déjà vu do terreno do “fantástico” e do “supersticioso” e nos traz

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

uma explicação psicodinâmica, uma explicação que aponta para a própria subjetividade do sujeito.

Com relação às pesquisas consultadas no campo da psicopatologia e da neurologia, a obra de Freud parece apresentar proximidades e distâncias. As pesquisas atuais não apresentam um consenso quanto à incidência do déjà vu em casos específicos de doença mental e nesse sentido parece haver uma proximidade com a investigação de Freud, uma vez que para ele trata-se de um fenômeno corriqueiro e presente em nossa vida psíquica normal. É preciso considerar que quando Freud inclui o déjà vu dentro do funcionamento psíquico comum a estrutura da neurose, essa compreensão inclui o reconhecimento de que trata-se daquilo que consideramos socialmente como "cotidiano", "comum" ou "normal". Sobre as teses neurológicas, de fato, Freud apresenta uma insatisfação, pois elas excluem a vida psíquica do sujeito e o significado que o déjà vu apresenta com os processos inconscientes.

REFERÊNCIAS

Antônio, M. J. C. (2017). **Freud com Lacan** : a psicanálise hoje. Reverso, Belo Horizonte. Ano 39, n. 73, p. 15 – 26. jun. 2017.

_____. **Fundamentos da psicanalise de Freud e Lacan** vol. 2: a clínica da fantasia. Editora: Zahar, coleção: transmissão da psicanalise. (2010)

Brown, Alan S. **The Déjà Vu Experience**. New York: Psychology Press, 2004.

Cunha, Eduardo Vieira da (2017) "O duplo de Laura Cattani: reflexões sobre as armadilhas de Narciso em um trabalho plástico." **Revista Estúdio, artistas sobre outras obras**. ISSN 1647-6158 e-ISSN 1647-7316. 8, (18), abril-junho. 26-32

D'Agord, M. R., Triska, V.H.C., Sudbrack, R.P., Sippert, C.A. Da Inquietante Estranheza ao Estranhamento enquanto Método. **Revista Mal-estar e Subjetividade** - Fortaleza - Vol. XII - Nº 1-2 - p. 243 - 264 - mar/jun 2012

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Freud, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A interpretação dos sonhos e sobre os sonhos**. Publicação original: 1900. In: Freud (1996), vol. IV e V.

_____. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana**. Publicação original: 1901. In: Freud (1996), vol. VI.

_____. **Fausse Reconnaissance (déjà raconté) no Tratamento Psicanalítico**. Publicação original: 1914. In: Freud (1996), vol. XIII.

_____. **O Estranho**. Publicação original: 1917. In: Freud (1996), vol. XVII.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed,1999.

GOMES, A. J. (n.d.). Um comentário sobre a "experiência " na objetividade científica e no sintoma psicanalítico. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 30, n.1, p. 115 – 128, 2018.

IENSEN, S. A. L., & Macedo, M. M. K. (2018). Impasses e alcances da psicanálise: o empreendedorismo do analista contemporâneo. **Contextos Clínicos**, 11(1), 106–121. https://doi.org/10.4013/ctc.2018.111.09.

OLIVEIRA, F. A. (2010). **Análise do discurso e psicanálise**: a questão do sujeito. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. ALED 10 (2), pp. 77-85.

ROUDINESCO, ELIZABETH; PLON, MICHEL. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, M., SILVA, Q.; SOARES, F. O **gesto psicanalítico em Clarice Lispector. Odisseia, Natal**, RN, v. 3, n. 1, p. 90-110, jan.-jun. 2018;

Temas em Saúde
Volume 18, número 4
ISSN 2447-2131
João Pessoa, 2018

Artigo

SBARDELOTTO, L.; FERREIRA, D.; PERES, M. I. L.; OLIVEIRA, A. M. M. de. A Constituição do sujeito na psicanálise. **Akrópolis Umuarama**, v. 24, n. 2, p. 113-129, jul./dez. 2016. Duarte, L., Silva, L., Igo, F., & Soares, L. (1983).

SNO, H., LINSZEN, D., & DE JONGHE, F. (1992). Déjà Vu Experiences and Reduplicative Paramnesia. **British Journal of Psychiatry**, 161(4), 565-568. doi:10.1192/bjp.161.4.565

TAVARES, P. H. M. B. (2012). O vocabulário metapsicológico de Sigmund Freud: da língua alemã às suas traduções. **Pandaemonium Germanicum**, 15(20), 01–21. https://doi.org/10.1590/S1982-88372012000200002